

Vim de passear com a Mimi, o João e o Luiz. Os dois mais velhos têm 7 anos...

Voltamos pela mansidão da tarde.

A andar de-vagar vou achando que estes são alguns dos velhos lugares em que fui nova, por onde passei muitas, muitas vezes, ora mais para a direita, ora mais para a esquerda... Parece que nada mudou. Até o sol é o mesmo. Um inverno luminoso, que tanto parece inverno como primavera, muito frio, igual a tantos outros! Este mesmo parque abandonado, abandonado! Até a gente que o atravessava, me parece que o atravessou sempre! Pequenos bandos de crianças muito pobres, umas visinhas das outras—este é meu irmão, esta é minha visinha, aquele é irmão daquela... —mulheres incabíveis, frisadas, loiras, mais velhas do que novas, e que me parecem sair todas de velhos conventos transformados em pensionatos do estado, trabalhadores, guardas indolentes, um raro elegante com uma crânio... Tudo isto é suave e distracção: ver esta gente calma, andar pelas belas alamedas sem trazo, com algum cheiro de fermentação... Tudo assim era há já 15 e 20 anos!

A Mimi, quando entrámos e quando saímos do parque,

ANTOLOGIA

(continuação da página anterior)

Beethoven compunha por intuição? Douro modo não se poderia conceber que o seu génio pudesse ter a facilidade de fazer ouvir aos outros maravilhas que ele próprio não podia ouvir...

Beethoven lutou mais que ninguém contra o meio e contra si mesmo, e a parte impura, que como a de todo o mortal a sua natureza devia ter, nunca chegou a ter força suficiente para eclipsar a parte pura, prevalecendo sempre a última. Mas apesar de haver prevalecido, essa parte pura ter-se-ia perdido para o mundo se o seu génio não o colocava, felizmente, na possibilidade de expressar essa pureza recôndita por meio de notas musicais, a fim de que se não perdesse para a humanidade. E assim esta última já sabe que o verdadeiro «eu» é a parte pura e eterna que todos trazemos na alma, e que os defeitos são apenas o imaginário, o transcendente, o que não é o «eu» verdadeiro. Conseqüentemente sabe também que o Beethoven real, quero dizer, a alma do Beethoven eterno foi pura, nobre, grande, e que ele no-la legou nas suas harmonias, nos seus ritmos, nas suas melodias maravilhosamente combinadas, que constituem o maior dos portentos do Universo...

A música de Beethoven, destinada a acabar com a ideia do nos-à sabedoria, fazendo-nos mal neste mundo, conduzir a compreender o destino e iniciando-nos assim na ideia da eternidade,

com a mão dela dentro da minha, diz-me com firmeza, que só muito de leve é dúvida, que ali é que brincava antigamente o príncipe e a princesa. Eu pergunto-lhe se ela tem a certeza disso, mas a Mimi não gosta, desconfia... E' estúpida a confusão que por distração lhe levo ao espirito. Os seus cinco anos e meio andam encantados com as princezas e outras coisas feéricas. E também muito apiedados da miséria. Diz-me, já cá na Cova da Moura, vendo um homem a arrastar-se sem pernas, que quando for crescida há-de dar muitas coisas aos pobres e ela ficar com poucas... Casas com quartos e salas de jantar e tudo muito bem arranjadinho... A sua ternura e a sua piedade ultrapassam, pelo menos à vista, as necessidades dos pedintes, que têm um ar conformado e indiferente, de quem se regala com o sol.

Eu levo-a pela mão e olho-a com convulsa seriedade, e penso na felicidade das crianças que têm quem se ocupe delas, acho mesmo que cada criança devia ter o exclusivo de algumas atenções, que o seu abandono e a sua solidão são trágicos.

Aquela mãozinha, pertencente a um corpo frágil e nervoso, de onde saem os decididos pensamentos que eu conheço, simboliza para mim toda a infância.

Continuámos a andar pacatamente, os rapazes vão à frente.

O Luiz mostrou ao João uma parede de quintal com bicharia de loiça das Caldas. Bicharia em que eu sempre reparo a rir por dentro quando passo por esta rua. Mas eles repararam a sério. Muitas destas suas são pobríssimas, antigas e tristes. As mulheres, neste belo dia, surdem à boca de corredores lóbregos e de pátios, como animais desafrentados. Pobres criaturas! Têm más caras, sem sangue, desconfiadas.

Aquele homem encostou-se à ombreira de uma porta e falando baixo disse-me muitíssima coisa. Falou como um homem inteligente, depressa e com segurança. Eu supunha que o que ele dizia não era fatalmente original, nem mais importante que o fosse, mas era perfeitamente claro. As minhas interrupções e os meus assentimentos é que lhe davam a êle parte da minha ignorância...

Mas eu, para me desculpar e readquirir alguma confiança em mim própria é que tento de me dizer, de me convencer, de que estou muito pouco habituado à agudeza das inteligências, a acompanhar quem pense. Uma coisa é ler e outra é ouvir... A ou-

de um diário

vir, sou forçada a adaptar-me a um ritmo mental que não é o meu; a ouvir, respondendo; a ler eu própria me conduzo através da leitura. E, no fim de contas, leio pouco. Mas aquele homem pôs-se a falar comigo com uma inteligência tão incontinente! Nuns minutos disse-me um rol de coisas em que eu ainda não pensara. Na verdade, a velocidade do pensamento dos outros sempre me deu um grande choque, me desarmou, me pôs a pique! Mas não deve ser o facto de o pensamento dos outros nos ser transmitido de boca que nos alucina... A distancia entre o ouvido e o lido é secundária. O que nos enerva e nos chega a depulmír, de vez em quando, é termos de correr atrás d'esses outros, serem eles e não nós os primeiros...

T. Mann é correcto, im, e um grande ironista, um fino crítico, o rei dos estetas, etc. Sempre que lei qualquer das suas novelas, e sobretudo se a lei solta de outras, me sinto maravilhada. Curiosa dos seus movimentos apreciativos, da sua grande delicadeza de vistas, da sua tranquillidade e segurança de estilo, da sua sensibilidade... Este elegante das letras representa, sem dúvida, que T. Mann enche com lise e da mesura formal. A sua admirável crítica é toda de observação e desapaixoadada. Mas a despeito de tudo isto a sua construção artística parece-me pobre. Todas as figuras das suas novelas se me representam isoladas, e o mundo fraccionado, dividido... Parece que nelle não há tumultos, que todas as contradições existentes são discretas e serenas. Há circulos ideais de vida, que T. Mann enche com a graça melancólica das digressões do seu espirito. Em cada uma das suas novelas aparecem as tais figuras isoladas, de psicologia levemente gratuita, amável, flutuante e anedótica. Por isto se admira T. Mann sem se crer nelle... O seu mundo arrefece nas suas delicadas mãos. Há nelle excessivo amor da arte; uma espécie de opposição entre o homem e o artista, aquele cedendo demasiado terreno a este, adalgaçando-se para não contrariar nem rebentar a medida ou forma da arte...

Na obra de T. Mann o artista explora o homem para atingir a custa d'ele, e por seu gosto, o tipo curioso, representativo, que embora caracterize uma sociedade se distingue perfeitamente dela. O

artista, como um deus fleugmático, domina-o, no entanto, e tem-no sempre a distancia, dissocia-o de si, mesmo que da sua própria alma o tire! Classifica-o, remira-o, cobre-o do seu sarcasmo ameno, tolerante e compreensivo. A arte de T. Mann, finalmente critica como é, é muito mais de divisões que de sínteses. Mas é de uma correcção, de uma leveza e de uma penetração psicológica incomparáveis.

Há ocasiões em que se apa-relha em mim, absolutamente sem reservas e sem impedimentos, impertinente, insistivo, franco—o riso! O riso, o gosto da comédia. Ocasões em que me sinto um incipiente, incubado criador de comédias, o explorador dos mais imprevisíveis ridículos. Esta manhã, por exemplo...

Mas porque é que aquelas galinhas me haviam de ter feito rir? Umas inocentes galinhas num jardimzinho de repartição pública. Na véspera ainda lá não estavam. Foi a surpresa da sua aparição que provocou o meu gaudío? Não sei. Sei é que dou com elas, sem as esperar, numa aberta e dionisiaca alegria, alegria de galinhas ao sol e à solta e que me espanto, me maravilho daquela insólita cena de liberdade. Vejo as capoeiras escamearadas e os bichinhos espanjados e em cacarejos semcerimoniosos cá fora. Parece-me tudo bem, muito bem, mas de uma franqueza e de uma liberdade ridículas. Só coisas de galinhas...

A liberdade reveste-se de súbito perante os meus olhos de um simbolismo inferior e animal. Vem-me mesmo a ideia de que só galinhas a saberão gosar.

Tudo isto nem sei se chega a ser pensado...

Subo, falo com homens. Fezicito-os pela grande alegria que a visinhança inopinada das galinhas lhes deve dar. Eles riem-se e secundam-me nos gracejos, mas um pouco contrafeitos. Devem ter inveja das galinhas... Tudo lhes deve parecer bom e invejável fora das suas apertadas vidas. O espelho da vida das galinhas afronta-los-ia se bem o apreciassem. Não sei se o apreciaram, se não, eu é que me regalo compondo uma pequena comédia à custa das galinhas... e deles. E fico ainda com o desejo de compor uma nova e espantosa comédia burlesca, moral, cheia de galinhas e de conceitos ambiguos sobre a liberdade, a

velho, preambular de outro

vida dos bichos e a dos homens. Mas um desejo puramente ocioso!

Quando o Yle, com a seriedade dos seus pequenos interesses e a sua urbanidade de homem de secretaria, prestante, adamada, meticolosa e o seu quê folgazã (desde que certos ressentimentos o não envenenem) me mostrou a sua prova de *magister* de calligrafia e me falou dos trezentos escudos mensais que ela há-de representar, comecei a sentir respeito pelos valores calligráficos. Porque nós, francamente, somos tolos com as nossas ideias feitas! Adoptamos sempre critérios estreitos para julgar seja do que for. Critérios mundanos, critérios de posição, nunca critérios largos, independentes! Eu nunca dera importância à calligrafia, considerava-a irremediavelmente secundária. Nunca a ensinar mentos me preocupara com os fins e os grossos das letras, e a escrever tal qual.

Mas a calligrafia, que nunca me tinha interessado, dava pão e orgulho a muitos homens. Um deles a' estava, aquele meu agradável colega! O Yle é um homem sério, respeitador do seu trabalho. E ele sabe o que uma boa calligrafia vale. Os livros da escrituração comercial não são em grande parte manuscritos? E deste trabalho vive muita família. Um bom calligrafo deve ter tanta razão de ser orgulhoso como um bom pintor, um bom professor, etc.

Era à ligeira, mas absolutamente à ligeira que eu considerava até aqui a calligrafia coisa de pouca monta. Ideias levianas, minhas e de muitos outros! Um irrespeito fácil pelas vidas de escritórios, que não conhecemos, uma veneração abunda pela espiritualidade... pelas actividades liberais, ou pelas retintamente mentais, etc. E um repúdio, um desprezo velho, fundo, também, mas provavelmente descomedido, pelos puros valores formais...

Ora, o Yle, com a sua alegria circumspecta e susceptível (é um homem ao pé de quem se pode estar, bem educado, dado a um *lisboetismo*, uma chalaça briosa e espumada, correcta, quando não tem dores de estômago), o Yle ensinou-me, gratuita e indiferentemente, certos mistérios do mundo... Ensinou-me a existência de mais um valor, o valor da calligrafia!

e também a pôr em dúvida certas das minhas bases de preferências. Alargou-me o espirito, pois não?

Nota que em face do exterior e do alheio, daquilo de que não participo directa nem indirectamente, me toma um grande acobardamento. Não é bem indiferença, é retraimento e também necessidade de encontrar pé firme, de ir além do que me tolhe. Talvez exagere chamando-me covarde, como chamei.

Gide diz de Dostolewsky que a abstracção, o jogo das ideias sem applicação lhe era penoso, mas que apesar disso as suas personagens encarnavam as mais estranhas e subltis ideias. Dostolewsky não era, em resumo, um dialectista nem um filósofo, era um romancista. Mas sendo um romancista possuía (e seria bom romancista por isso) um vivissimo sentido crítico e conceituoso, filosófico, da vida. O que Gide quiz fazer notar com a sua observação, é que Dost. tinha limites. Formais, mais do que formais? Enfim, limites.

No outro dia eu pensava, e muitas vezes penso, que tenho sempre abusado do *espirito poético*, que sempre rodeei os objectos das minhas preocupações, os consumidores da minha sensibilidade, de uma atmosfera maguada e excitante, romântica. E que um tom assim apaixonado, cheio de evasões e de fugas sentimentais, tom a que eu muitas vezes quero fugir e desprezar, será provavelmente o meu fatal limite...

Mas também penso, já fora do meu caso pessoal, do desejo de me ultrapassar, que a arte literária se balouça entre estes dois polos: o poético e o realístico, ou antes, o reforçado e o indeformado. E que o poético quadra perfeitamente à sensibilidade introvertida, egocêntrica, que se nutre mais do particular que do geral.

Os meus pequenos quadros de sol e de chuva, de ruas e de docas, etc., serão objectivamente picturais, mas não representam francamente qualquer coisa além da objectividade? Uma acidentalidade interior? São deformados em virtude de um estado meu de espirito. Correspondem a uma realidade, mas fugindo ao seu carácter permanente e comum. Esta deformação e fuga ao real, explorando-o, é uma característica

por
JOÃO
FALCO

poética e simultaneamente de temperamento.

Mas eu compreendo, ou admito ainda assim, que seria admirável e útil que pudéssemos adoptar por desdobração ou por extensão própria do pensamento, mais de uma atitude mental. Exercitarmos variadamente a nossa actividade do espirito, temperarmos a emotividade com a análise critica, a observação com os juizos de preferências... E assim o fazemos, mas sem absoluto equilíbrio.

No entanto, a poesia...

Quanto e quanto se faz para a envilecer, para a diminuir! E porque? Porque, enfim, a poesia do nosso tempo já não é uma arte fraca, mellica apenas e de contornos, sem conteúdo!

A poesia, como forma literária expressiva, é económica: vasta e concentrada, emotiva e conceituosa. Deforma sentimentalmente os objectos do interesse? Mas o que é que não revela da espiritualidade do interessado? Que vibração moral e que vida se não contém num súbito movimento de palavras, num espontâneo jogo de impressões?

Este jardim da D. Josefa, da decadente e fina D. Josefa, pessoa que tão bem se veste e tão bem se calça... que conserva em velha o seu *chic* de nova, este jardim sombrio não tem nada de bonito. Quantas vezes já lhe tenho anulado as inúteis ruas? Quatro canteiros e um de centro... com ruas de separação.

O jardim da D. Josefa ora existe, ora deixa de existir. Para mim... Mas aquele movimento e aquela forma dos seus ramos finos, que em cada ano se enfolham de novo... Isso existe, existe e nota-se, fora de toda a dúvida! E' uma coisa que me vive nos olhos, que lhes não passa indiferente! Em certos momentos acompanho e admiro intimamente o aerismo, a leveza e o jogo daquelas formas. Há qualquer coisa interior, em mim, que se agita e se identifica com elas.

Verdade é que a forma e o movimento provocam sempre a sensação. E, reciprocamente, certas sensações indeterminadas e até mesmo certos pensamentos se acompanham dentro de nós de não sei que ritmo motriz, ou de que orientação no espaço.

A Mila chegou há bocadinho com flores. Mulher pequena! De saia nova... Fez-lha a mãe, daquele casaco azul de veludo de lá, prenda ainda do seu casamento! e que tantos serviços já tem prestado!

A Deo, com o seu modo especial para as crianças fez uns cumprimentos engraçados à Mila.

A Mila gostou realmente de estrear a sua primeira saia de cintura... e também de trazer o seu raminho de flores... Ela e a irmã dão-me a justa impressão de mulheres pequenas. Uma impressão de graça.

Ai, falar do cotidiano! do invariável, ou insensivelmente variável...

Estou sempre à beira do que me é mais íntimo e sempre a fugir-lhe, sempre a recuá-lo, a negá-lo, a anulá-lo. Um quer que seja tão subsistente e permanente, tão claro, tão inexplicável e tão sensível... Tudo isto em demasia, porque não acho nunca palavras com que o abondar!

Cansaço, creio, uma sensação profunda de esgotamento de mim mesma, de cansaço... ai está o meu fundo! Um desejo impossível e irrealizável de evasão, de transformação. Um desejo doido de liberdade. De liberdade fatalmente inútil.

Cansaço de mim e dos outros!

E a tudo isto, tão pouco e tanto, não posso nem sei dar expressão. Há em mim a inibição interior. Naturalmente o sentido da inutilidade, também.